



N.º 15 | Dezembro 2007

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[migrado de <http://almadan.cidadevirtual.pt>]

I Sumário

II Editorial | Jorge Raposo

Arqueologia

- III **Entre as Grutas e os Monumentos Megalíticos:** problemáticas e interrogações na Pré-História recente do Alto Ribatejo
Alexandra Figueiredo
- IV 25 Anos de Investigação Arqueológica em Portugal (1982-2007).
A Pré-História Holocénica: referências bibliográficas
Carlos Tavares da Silva
- V **Intervenção Arqueológica no Casal do Rebolo (Sintra):** da diversidade das estruturas à larga diacronia de ocupação
Alexandre Gonçalves e Catarina Coelho
- VI **Citânia de Briteiros:** trabalhos arqueológicos recentes (2007)
Francisco Sande Lemos e Gonçalo Cruz
- VII **Vila de Castelo de Vide:** um *habitat* proto-histórico
João F. A. Magusto
- VIII **Casa dos Bicos 25 Anos Depois:** marcas de oleiro em *terra sigillata*
Eurico de Sepúlveda e Clementino Amaro
- IX Ocupação Romana no **Beco do Marquês de Angeja, Alfama:** evidências de estruturas termais junto da porta Nascente de *Olisipo*
Victor Filipe e Marco Calado
- X **Capela de São Pedro da Capinha (Fundão):** primeira intervenção
Elisa Albuquerque e Constança Guimarães dos Santos
- XI Evidências de Ocupação Romana no **Morro do Castelo de Alverca do Ribatejo** (Vila Franca de Xira)
João Pimenta e Henrique Mendes
- XII **A Torre Medieval de Santa Catarina de Sítimos:** elementos para o estudo do sistema defensivo de Alcácer do Sal em contexto almóada
António Rafael Carvalho
- XIII **Tomar Islâmica do Gharb al-Andalus:** a alcáçova e arredores
Salette da Ponte
- XIV **Paleodemografia e Patologia Oral** na população exumada da Igreja de Santiago Maior de Monsaraz
Patrícia Peralta e Ana Luísa Santos
- XV **Notícias: actividade arqueológica**

al-madan IIª Série, n.º 15, Dezembro 2007

al-madan online / adenda electrónica

Propriedade

Centro de Arqueologia de Almada
Apartado 603 EC Pragal
2801-601 Almada PORTUGAL
Tel. / Fax 212 766 975

E-mail secretariado@caa.org.pt

Registo de imprensa 108998

[Http://www.almadan.publ.pt](http://www.almadan.publ.pt)

ISSN 0871-066X Depósito Legal 92457/95

Director Jorge Raposo (director.almadan@clix.pt)

Conselho Científico Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva e Carlos Tavares da Silva

Redacção Rui Eduardo Botas, Ana Luísa Duarte,
Elisabete Gonçalves e Francisco Silva

Colunistas Mário Varela Gomes, Amílcar Guerra, Victor Mestre,
Luís Raposo, António Manuel Silva e Carlos Marques da Silva

Colaboram na edição em papel Ass. Prof. de Arqueólogos,
M.ª Fátima Abraços, Mila S. Abreu, Elisa Albuquerque, M.ª José
Almeida, Miguel Almeida, Sara Almeida, Pedro Barros, Filipa Bragança,
Sandra Brazuna, Jacinta Bugalhão, Guilherme Cardoso, António Rafael
Carvalho, Pedro S. Carvalho, António Chéney, Manuela Coelho, José
Correia, Miguel Correia, António Costa, Eugénia Cunha, Manuela de
Deus, Adriaan De Man, Ana L. Duarte, Lídia Fernandes, Isabel C.
Fernandes, Ângela Ferreira, M.ª Teresa Ferreira, Nádía Figueira,
Alexandra Figueiredo, Iola Filipe, Tiago Fontes, Ana S. Gomes, Mário
V. Gomes, António Gonzalez, Amílcar Guerra, Constança Guimarães,
M.ª João Jacinto, Vitor O. Jorge, M.ª Jesus Kremer, F. Sande Lemos,
João Lizardo, Virgílio Lopes, Sandra Lourenço, António Martins,
Samuel Melro, Henrique Mendes, Victor Mestre, Paulo A. Monteiro,
Rui Morais, João Muralha, António Nabais, Filipa Neto, Nuno Neto,
M.ª João Neves, Luiz Oosterbeek, Rui Parreira, Luís Pereira, Teresa
R. Pereira, João Perpétuo, Miguel Pessoa, João Pimenta, Marina
Pinto, Museu da Cidade de Lisboa, Paulo O. Ramos, João Raposo,
Jorge Raposo, Luís Raposo, Paulo Rebelo, Jorge Davide Sampaio,
Severino Rodrigues, Helena Rua, Anabela P. de Sá, Raquel Santos,
Suzana P. Santos, Ana Raquel Silva, António Carlos Silva, António
Manuel Silva, Carlos Tavares da Silva, Filipa Cortesão Silva, António
Monge Soares, Ana Margarida Vale, António C. Valera, Gonçalo L.
Velho, Alexandra Vieira e Gertrudes Zambujo

Colaboram na Adenda Electrónica Elisa Albuquerque, Miguel
Almeida, Clementino Amaro, Teresa M. Barbosa, Lília Basílio, Marco
Calado, António Carvalho, António R. Carvalho, Tânia M. Casimiro,
Catarina Coelho, Mónica Corga, Rui Couto, Gonçalo Cruz, M.ª Teresa
Ferreira, Alexandra Figueiredo, Victor Filipe, Jorge Freire, Susana
Gómez, Alexandre Gonçalves, Filipe Gonçalves, Francisco Sande Lemos,
Virgílio Lopes, João Magusto, Rodolfo Manaia, Paulo A. Monteiro,
Henrique Mendes, M.ª João Neves, Susana Nunes, M.ª F. Palma, Patrícia
Peralta, João Pimenta, M.ª João Pina, Salette da Ponte, Lígia Rafael, Sara
Ramos, Ana Luísa Santos, Ana Rita Santos, Constança G. dos Santos,
Eurico Sepúlveda, Telmo Silva, Carlos T. Silva e Andreia Torres.

Publicidade Elisabete Gonçalves

Apoio administrativo Palmira Lourenço

Resumos Jorge Raposo (português), Luisa Pinho (inglês)
e Maria Isabel dos Santos (francês)

Modelo gráfico Vera Almeida e Jorge Raposo

Paginação electrónica Jorge Raposo

Tratamento de imagem Jorge Raposo, com Cézer Santos

Ilustração Jorge Raposo

Revisão Maria Graziela Duarte, Fernanda Lourenço

Pré-impressão GC Design Ldª

Impressão Printer Portuguesa

Distribuição CAA | <http://www.almadan.publ.pt>

Tiragem da edição em papel 1500 exemplares

Periodicidade Anual

Apoios Câmara Municipal de Almada e Câmara Municipal do Seixal

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



Capa Luís Duarte de Barros e Jorge Raposo

Composição gráfica sobre fotografia de escavação
arqueológica na olaria romana do Porto dos Cacos.
(Alcochete, 1990).

Fotografia © Jorge Raposo/Centro de Arqueologia de Almada

Com esta edição, *Al-Madan* completa 25 anos de existência, quinze dos quais na presente série, a segunda, iniciada em 1992. É um longo percurso, durante o qual o projecto evoluiu, cresceu e ganhou projecção nacional, ao mesmo tempo que muita coisa mudava nas áreas temáticas a que se dedica, nomeadamente no que à Arqueologia respeita – a disciplina ganhou estatuto de formação académica e de ocupação profissional; o seu “objecto” de aplicação diversificou-se e alargou-se a novas temáticas e “terrenos”; as metodologias complexificaram-se e enriqueceram-se no contacto com outras áreas de saber; as instituições de tutela substituíram-se umas às outras, ao sabor de diferentes orientações estratégicas (ou da falta delas!); a iniciativa privada ocupou gradualmente espaços antes assegurados pela administração pública ou abertos pelo forte crescimento da procura impulsionado por novos enquadramentos legislativos; os profissionais deram os primeiros passos no sentido da sua organização e auto-regulação; etc.

Boa parte desta transformação, radical sob muitos pontos de vista, está reflectida nas páginas dos volumes de *Al-Madan* publicados ao longo dos anos, a ponto da própria revista poder ser encarada como um dos protagonistas e agentes dessa transformação. Reflectir sobre o seu próprio percurso e sobre a história recente da Arqueologia portuguesa é, pois, o tema central desta edição, na sua versão impressa.

Para tal recorreu-se ao discurso directo e informado de diversos outros protagonistas, que partilham com os leitores experiências pessoais e sínteses do que de mais relevante ocorreu nesse período, nos planos institucional, social, organizativo e associativo, mas também da relação com outras ciências e da produção de conhecimento em várias temáticas específicas, da Pré-História aos períodos medieval e pós-medieval, à museologia e à Arqueologia industrial.

O dossiê impresso neste número inclui também um contributo para a cronologia sistemática da Arqueologia portuguesa do último quarto de século, a qual foi também colocada no sítio Internet da *Al-Madan Online*, onde está aberta à actualização e incorporação de colaborações que a enriqueçam e permitam corrigir erros e omissões.

Assim, consolidando a experiência positiva de anos anteriores, esta revista continua a ser produzida simultaneamente em papel e em formato digital, pelo que, quando se puderam ler as páginas do volume impresso, também se colocou acessível mais uma *Al-Madan Online - Adenda Electrónica*, disponibilizada na Internet para difusão alargada de outros conteúdos originais, em formato PDF (<http://www.almadan.publ.pt>).

No seu conjunto, os leitores encontrarão certamente muitos e bons motivos de interesse sobre o passado recente e o presente da Arqueologia portuguesa, e matéria para uma reflexão informada quanto ao seu futuro próximo.

Jorge Raposo

evidências de ocupação romana no

Morro do Castelo de Alverca do Ribatejo

(Vila Franca de Xira)

por João Pimenta e Henrique Mendes

Arqueólogos (Câmara Municipal de Vila Franca de Xira).

1. Introdução (razões da intervenção)

Na sequência dos trabalhos de renovação do sistema de saneamento e águas no centro histórico da cidade de Alverca do Ribatejo, deslocámo-nos ao local na segunda-feira dia 24 de Julho de 2006. *In loco*, constatámos que o projecto consistia na abertura de valas com grande extensão, no topo do morro do antigo castelo medieval (Fig. 1).

Esta área é particularmente sensível do ponto de vista patrimonial, desenvolvendo-se nas imediações das ruínas da antiga fortificação e do casario de raiz medieval / moderna. O seu potencial arqueológico é bem conhecido desde o ano de 1986, quando foi realizada uma intervenção de emergência (PARREIRA 1987-88).

A análise que nos foi possível efectuar da abertura das valas e das terras já remexidas, leva-nos a sublinhar a existência de estruturas e contextos arqueológicos que o decorrer da obra veio destruir, subtraindo substancialmente a informação disponível no subsolo sobre as antigas fases de ocupação do antigo núcleo de Alverca.

Ao chegarmos ao local, a obra encontrava-se já numa fase adiantada dos trabalhos, não nos sendo possível, face à grande profundidade das valas e ao facto de já se encontrarem com as canalizações colocadas, efectuar quaisquer registos gráficos das realidades ainda visíveis em corte. Face a esta situação, limitámo-nos ao registo fotográfico e à recolha de alguns materiais cerâmicos ainda presentes nos entulhos que não tinham sido removidos.



↑ Figura 1

Planta do núcleo antigo da Cidade de Alverca do Ribatejo, com a localização dos dois troços de valas acompanhados.

Passamos a descrever o que foi possível deduzir do observado:

– Junto ao morro do Castelo, deparámo-nos com as primeiras valas na Travessa do Açougue Velho. Aqui a análise dos perfis visíveis permite aferir a inexistência de contextos arqueológicos preservados, assentando o actual pavimento de calçada de basalto directamente sobre o substrato geológico calcário.

– Na Rua do Castelo foi possível observar, no troço de vala que ainda não tinha sido tapado, a existência de camadas preservadas com fragmentos de cerâmicas de cronologia medieval, a par de restos de fauna de grandes mamíferos. Nesta zona, apenas num dos extremos se atingiu o substrato geológico, a cerca de 60 centímetros de profundidade.

r e s u m o

Notícia sobre os trabalhos arqueológicos realizados durante a renovação do sistema de saneamento e de distribuição de água no centro histórico da cidade de Alverca do Ribatejo (Vila Franca de Xira, Lisboa), nomeadamente junto ao antigo castelo medieval.

Os autores referem a detecção de duas fases de ocupação: uma bem datada de Época Romana imperial (séculos I-II d.C.); outra, mais escassamente representada, de Época Islâmica, que aponta para os séculos XI-XII.

p a l a v r a s c h a v e

Época Romana; Idade Média (islâmico).

a b s t r a c t

Information on archaeological work carried out during renovation works of the sewerage and water systems of the historic centre of Alverca do Ribatejo (Vila Franca de Xira, Lisbon), namely next to the old Medieval castle.

The authors claim they have found proof of two occupation phases: one clearly dated from imperial Roman Times (1st - 2nd centuries AD); and another, more sparsely represented, from Islamic Times, circa 12th - 13th centuries.

k e y w o r d s

Roman times; (Islamic) Middle ages.

r é s u m é

Information sur les travaux archéologiques réalisés pendant la rénovation du système d'assainissement et de distribution des eaux dans le centre historique de la ville d'Alverca do Ribatejo (Vila Franca de Xira, Lisbonne), précisément près de l'ancien château médiéval.

Les auteurs présentent la détection de deux phases d'occupation: une bien datée de l'Époque Romaine impériale (I-II^e siècles ap. J.-C.); une autre plus faiblement représentée, de l'Époque Islamique, qui désigne les XI-XII^e siècles.

m o t s c l é s

Époque romaine; Moyen Âge (islamique).

– Na Rua da Cumeira, as valas já se encontravam tapadas (à excepção de um pequeno troço). No corte que nos foi dado observar, surgiam camadas preservadas, com materiais cerâmicos de cronologia moderna, não se tendo atingido os níveis geológicos.

– Junto a esta rua, na encosta virada à calçada das Pias, identificámos um grande silhar de calcário que terá sido removido pelas valas aqui abertas. Não é claro a que tipo de estrutura este elemento pode ter pertencido, mas não é de excluir o tratar-se de um elemento da antiga muralha do castelo.

– A Calçada das Pias encontrava-se em toda a sua extensão profundamente remexida por uma extensa vala, atingindo mais de 1,5 metros de profundidade por 60 centímetros de largura. A análise dos seus cortes foi bastante dificultada pelo facto de as terras resultantes da sua abertura estarem depositadas lateralmente à mesma, e por estas não se encontrarem escoradas. Nesta zona, os níveis arqueológicos encontravam-se bastante destruídos, identificando-se apenas uma camada de cerca de 20 centímetros sobre o substrato geológico. Tal facto não é de estranhar face estar perante uma área de encosta.

Apenas no topo desta artéria, mais junto à plataforma do Castelo, surgiram em corte duas estruturas negativas abertas no calcário. Embora não tenha sido possível o seu registo, face ao carácter imediato da obra, que as tapou de seguida, estávamos claramente perante estruturas de armazenamento do tipo silo, similares às identificadas em 1986 pelo Dr. Rui Parreira, na escavação aqui efectuada (PARREIRA 1987-88).

No seguimento da paragem da obra, decretada pelo Instituto Português de Arqueologia, deslocámo-nos ao local, no dia 28 de Julho de 2006, para averiguar do estado dos trabalhos.

Em reunião aí efectuada, com a Engenheira responsável dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento (SMAS), concluímos que a execução do projecto de alteração da rede de abastecimento de água e de substituição do saneamento estava praticamente concluída, à excepção de dois troços de ramais ainda por abrir nas imediações do antigo castelo.

Face ao carácter de emergência de que estes trabalhos se revestiam, em pleno núcleo urbano da cidade, ficou decidido que iríamos assegurar o seu acompanhamento, assim como a monitorização de todos os trabalhos.

2. Enquadramento histórico

O morro onde se veio a erguer o antigo castelo medieval de Alverca apresenta uma implantação estratégica sobre a antiga estrada romana de *Olisipo* a *Scallabis* e um amplo domínio visual, que fez com que este local fosse ocupado desde épocas remotas.

Ainda que os dados disponíveis sobre as mais antigas fases de ocupação sejam escassos, a recente intervenção levada a cabo no Núcleo de Alverca do Museu Municipal de Vila Franca de Xira (GAMBOA 2004) permite recuar a presença humana no núcleo histórico até inícios do primeiro milénio antes de Cristo. Qual a extensão desta ocupação da Idade do Bronze e a sua real importância, só o estudo do espólio exumado e a realização de novas intervenções poderá vir clarificar.

Para a Época Romana a informação aumenta, permitindo começar a vislumbrar uma presença fixa de uma importante comunidade humana. A sua localização junto a duas das principais vias de comunicação da Antiguidade no extremo ocidente peninsular, o Rio Tejo e a estrada romana paralela a este, fez com que no morro e encosta do Castelo se implantasse um núcleo habitacional que certamente tiraria partido comercial desta situação.

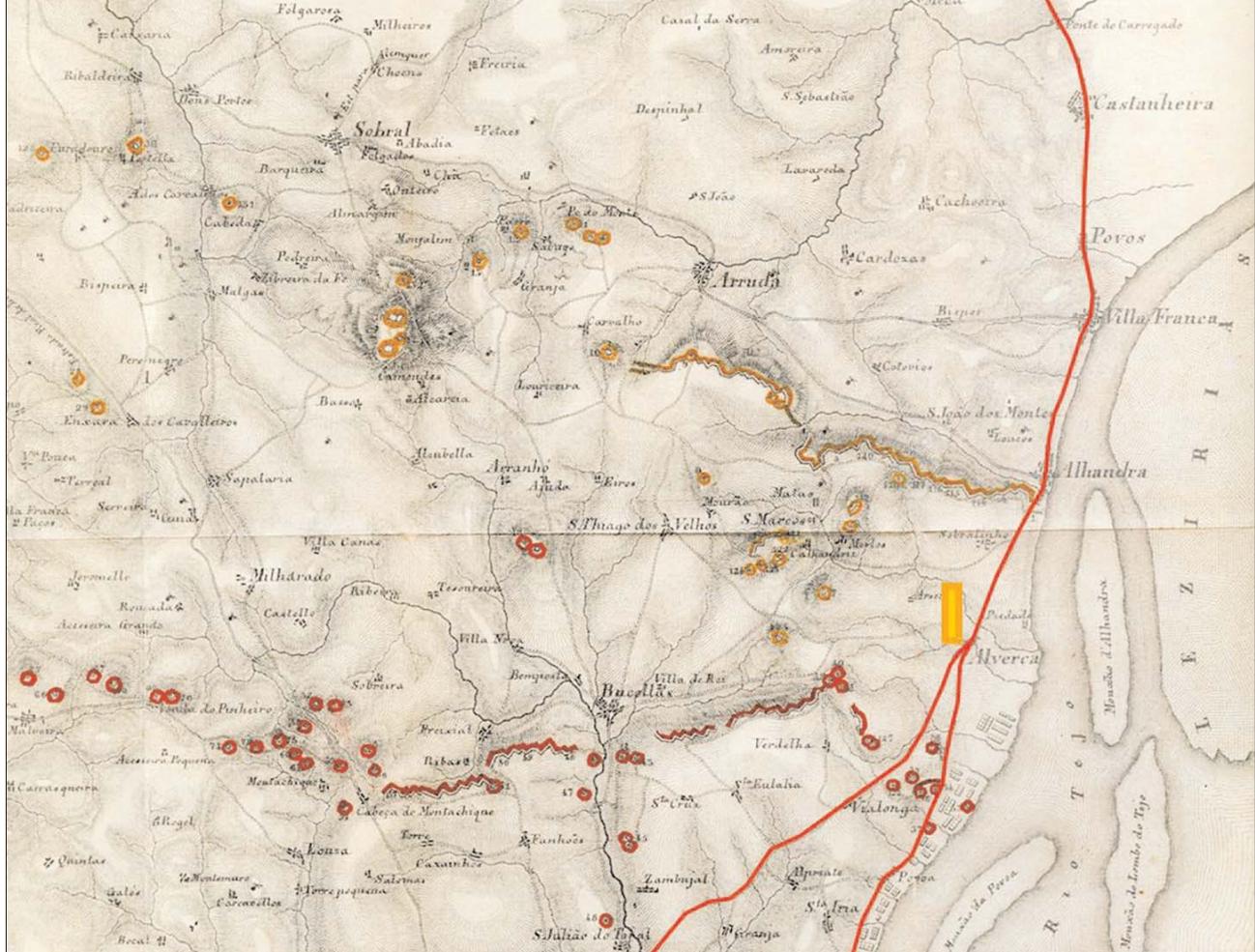
Os dois ramais viários que saíam de *Olisipo*, um seguindo por Sacavém e o outro pelo vale de Loures e São Julião do Tojal, uniam-se nas imediações de Alverca. A passagem desta via encontra-se bem atestada pela descoberta, no antigo Açougue da Vila (perto do castelo), de um marco miliário (CIL II 4632), seguramente indicando a milha XXIII contada a partir de Lisboa (MANTAS 2000).

A escavação levada a cabo em Outubro de 1986, na sequência da construção de um templo da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias na área do Castelo, veio revelar os primeiros dados sobre esta ocupação (PARREIRA 1987-88). Ainda que não tenha sido identificado qualquer estrato ou estrutura desta época, fora de contexto exumaram-se tesselas de mármore, calcário e basalto, atestando a presença de pavimentos musivos, assim como fragmentos de placas de mármore de lioz rosa.

Mais recentemente, a intervenção levada a cabo na antiga Casa da Câmara, onde irá funcionar o núcleo do Museu Municipal, revelou de uma forma clara a contínua ocupação romana desta área (GAMBOA 2004).

A observação do espólio desta intervenção, efectuada na sequência da elaboração da exposição de Arqueologia do Museu de Alverca, permite-nos sublinhar a sua longa diacronia, que atravessa todo o período romano, desde meados do século I d.C. até, pelo menos, o século V d.C. A presença de contextos preservados com cerâmicas finas importadas da Gália e do Norte de África, assim como ânforas vinícolas e de preparados de peixe do Sul peninsular, permitem verificar o dinamismo comercial deste povoado.

Ainda que não se tenham identificado estruturas preservadas, a presença de materiais de construção (*tegulae*, *imbrices* e tijoleiras), assim como diversas placas de mármore de revestimento e tesselas em tudo similares às recolhidas no Castelo, deixam antever a presença de estruturas habitacionais de alguma importância.



↑ **Figura 2**

Planta do século XIX, com o sistema viário sucessor da antiga via romana que saía de Olisipo.

Para o período islâmico, os dados históricos e arqueológicos são escassos. Apenas se aponta uma ocupação baseada na análise do seu topónimo, que segundo alguns autores teria origem nas palavras árabes *albirca* ou *alborca*, terra alagadiça e pantanosa. É natural que date desta fase a construção do pequeno reduto defensivo de que ainda hoje subsistem evidências estruturais no morro do Castelo.

Ainda que objectivamente não existam documentos a comprová-lo directamente, esta fortificação, tal como todas as da linha defensiva do vale do Tejo e respectiva estrada, terão sido conquistadas em 1147 no âmbito do avanço dos exércitos de El Rei D. Afonso I de Portugal e da tomada de Santarém e Lisboa.

Do foral antigo de 1160, assim como do novo de El Rei D. Manuel I, não ficaram quaisquer vestígios físicos, apenas se sabendo deles por referência indirecta, não isenta de polémica. Os documentos mais antigos datam de 1354, sendo referentes à doação de Alverca às Capelas de D. Afonso IV, passando assim aos bens da Casa Real. Refira-se que este vínculo será extinto apenas em 1863 (FERREIRA 2005).

3. Descrição dos trabalhos

Os trabalhos incidiram na abertura dos dois últimos troços da rede de saneamento e águas.

3.1. Troço 1

Inicia-se no cruzamento da Rua da Cumeira com a Rua do Castelo, paralelo ao edifício das oficinas

ai existentes, até ao início da Travessa do Castelo (Fig. 1). A sua abertura relacionava-se com a colocação de um ramal para a canalização de água, medindo nove metros de comprimento por 50 cm de largura máxima.

No processo de remoção da calçada de basalto [UE1], verificámos que a mesma assentava sobre uma pequena preparação arenosa de tom castanho alaranjado [UE2], constituída por pedras de pequeno calibre, seixos e areia, formando a sua base de assentamento.

A remoção destes estratos mecanicamente permitiu o aflorar de níveis arqueológicos, sendo o restante trabalho realizado na íntegra manualmente. A limpeza da área permitiu atestar a escassa potência estratigráfica neste sector do morro, cerca de 20 a 30 centímetros, verificando-se a presença de duas estruturas em plano e uma em corte – [UE6], [UE12] e [UE8].

Os níveis arqueológicos mencionados correspondiam a estruturas negativas escavadas no afloramento geológico, constituído por calcários miocénicos não consolidados [UE4].

– A estrutura [UE6] apresentava planta semicircular, com cerca de 1,10 metros de comprimento máximo, sendo a sua largura indeterminada. Infelizmente, por questões de segurança, não foi possível atingir a sua base. A escavação da unidade estratigráfica que a preenchia [UE7] revelou um enchimento composto essencialmente por pedras de pequeno calibre, telhas e fragmentos de tijolos romanos. O espólio cerâmico é muito escasso, sendo constituído por pequenos fragmentos de cerâmica co-

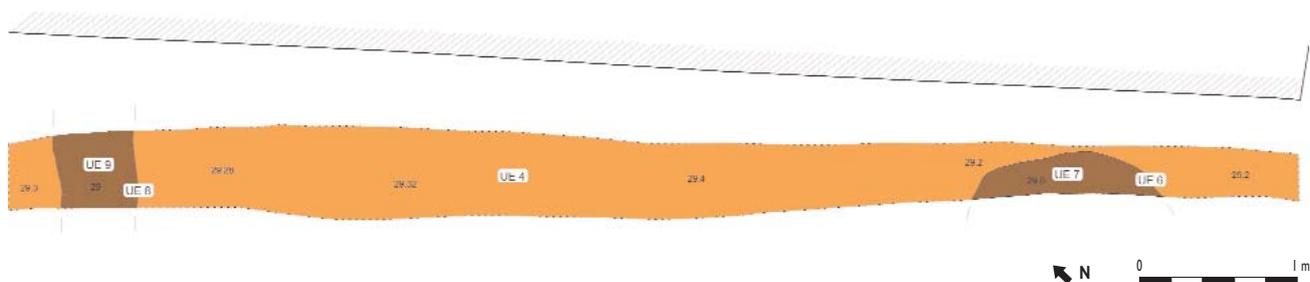


Figura 3 ↑

Planta final do Troço I.

num romana, tais como bordos de pote e de uma jarriinha e bojos de ânforas lusitanas (Fig. 6, n.ºs 6 e 7). Apesar desta aparente homogeneidade, a presença de um pequeno fragmento de bordo de panela com arranque de asa e restos de pintura a branco, permitem enquadrar o abandono e preenchimento desta estrutura em época islâmica (o estado de conservação do fragmento impede a sua reconstituição gráfica). Qual a funcionalidade desta estrutura? É algo que neste momento não é claro. No entanto, a planta semicircular que a análise da área que podemos registar permite reconstituir, assim como a sua grande potência (escavámos cerca de 20 centímetros sem que se atingisse a base), parecem apontar para uma estrutura de armazenamento de tipo silo. Sublinhe-se que este tipo de estruturas é particularmente comum em áreas fortificadas medievais, tendo uma estrutura similar, ainda que com um abandono aparentemente de Época Moderna, já sido identificada nos anos oitenta nas imediações desta (ver PARREIRA 1987-88).

– A estrutura [UE12] apresentava planta rectangular, com cerca de 50 centímetros de largura, prolongando-se sob os perfis, sendo transversal à Rua do Castelo. Ainda que não tenha sido possível, por questões de segurança, atingir a sua base, a escavação de cerca 50 centímetros da unidade estratigráfica que a preenchia [UE13] permite vislumbrar tratar-se de uma vala de roubo de muro de secção quadrangular.

Esta interpretação assenta na análise da sua planta, aberta no substrato geológico, e no espólio recolhido na camada [UE13]. Este é constituído essencialmente por pedras de pequeno e médio calibre e material de construção: argamassas, telhas, tijolos e tijoleiras romanas. A par destes elementos recolheu-se uma placa de mármore de revestimento de tom rosa, em tudo similar às exumadas na escavação de 1986 (PARREIRA 1987-88) (Fig. 7, n.ºs 8 a 10 e Fig. 8). O restante espólio cerâmico é muito escasso, sendo constituído por pequenos fragmentos de cerâmica comum, um bordo de *dolium* e um fragmento de

bordo e colo com arranque de asa de ânfora Lusitana, da forma Dressel 14 (Fig. 6, n.ºs 1, 2 e 4). Face aos dados referidos e, em especial, à tipologia da ânfora em causa, apontamos para meados dos séculos I-II d.C. a cronologia da formação deste depósito.

– A estrutura [UE8] foi identificada apenas em corte, na sequência da limpeza do mesmo para o seu registo gráfico. Apresenta planta semicircular, com cerca de 1,60 metros de comprimento, sendo a sua largura desconhecida, visto prolongar-se sob o actual piso da artéria Rua do Castelo. O espólio da unidade que a preenche [UE9] é muito escasso, sendo constituído por pequenos fragmentos de cerâmica comum, um bordo de alguidar e um grande bojo de ânfora de proveniência do Vale do Guadalquivir, possivelmente do tipo Dressel 20 (Fig. 6, n.ºs 3 e 5). A análise do conjunto cerâmico, apesar de dever ser enquadrado com cautelas fase à exiguidade da área intervencionada, permite balizar este em Época Romana, possivelmente em meados dos séculos I-II d.C.

Para além destas estruturas, verificou-se a existência no terreno de uma vala contemporânea [UE10], para a implantação de esgoto em grés ainda em funcionamento [UE11].

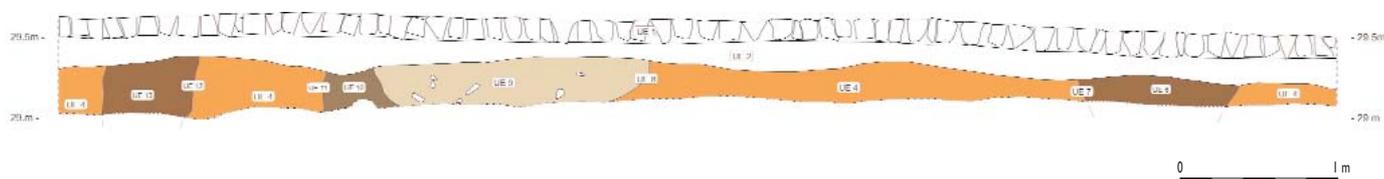
Concluída a escavação deste troço de vala, efectuou-se o seu registo gráfico à escala 1/20, planta e cortes, assim como ao levantamento fotográfico. As duas estruturas negativas detectadas em planta foram tapadas com geotêxtil e manga plástica e cobertas com areia. Finalizada esta protecção a obra decorreu com normalidade, sendo colocadas as respectivas canalizações e reposto o pavimento em calçada de basalto.

3.2. Troço 2

Inicia-se no cruzamento da Travessa do Castelo com a Rua do Castelo, paralelo aos edifícios n.ºs 1 a 6 (ver Fig. 1). A sua abertura relaciona-se com a colo-

Figura 4 ↓

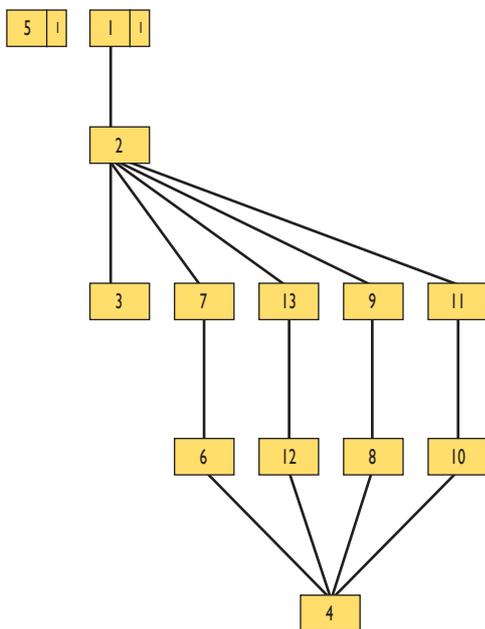
Perfil Sul do Troço I.



cação de ramais para a canalização de água. Media cerca de 15 metros de comprimento por 50 centímetros de largura.

No processo de remoção da calçada [UE1], verificámos que a mesma assentava sobre uma pequena preparação arenosa de tom castanho alaranjado UE 2, constituída por pedras de pequeno calibre, seixos e areia, formando a sua base de assentamento.

A remoção destes estratos mecanicamente permitiu verificar que estes assentavam directamente sobre o substrato geológico: [UE3] e [UE4]. O acompanhamento deste troço permitiu verificar que esta área se encontrava muito perturbada, não tendo sido possível detectar quaisquer estratos ou estruturas preservadas.



Nesta área registámos a seguinte sequência estratigráfica:

[UE1] – Pavimento actual da Rua do Castelo, constituído por calçada de basalto

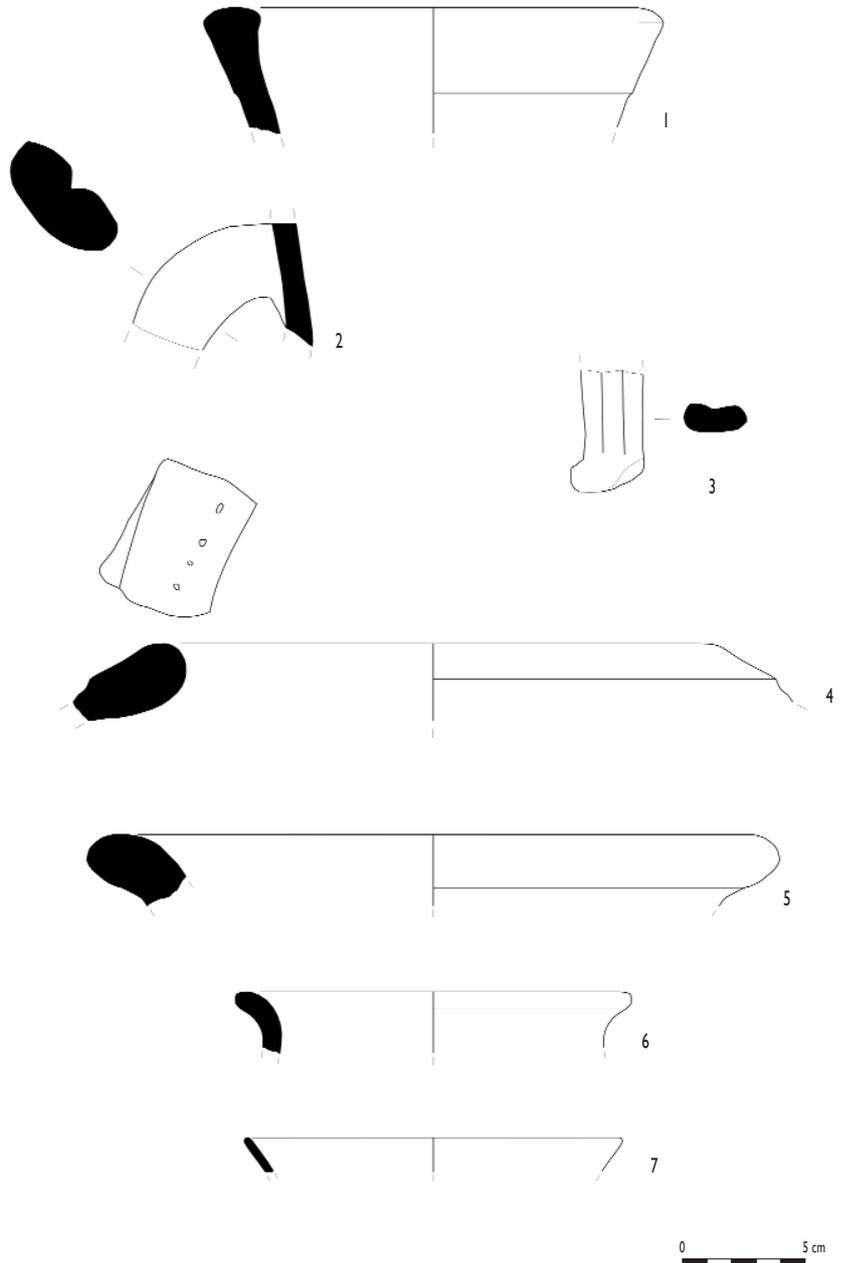
[UE2] – Camada arenosa de tom castanho alaranjado. Grão fino medianamente solto. Composta por pedras de pequeno calibre, seixos e areia. Preparação para assentamento do pavimento [UE1].

[UE3] – Camada argilosa de tom castanho esverdeado. Grão fino, medianamente compacta. Composta por pedras de pequeno e médio calibre. Nível geológico.

[UE4] – Camada argilosa de tom castanho acinzentado. Grão fino, medianamente compacta. Nível geológico.

[UE5] – Bloco de calcário de grande dimensão que servia como degrau de acesso ao n.º 6 da Rua do Castelo. Soleira.

[UE6] – Estrutura negativa de planta semicircular, aberta no substrato geológico [UE4]. Preenchida pela [UE7].



Figuras 5 e 6

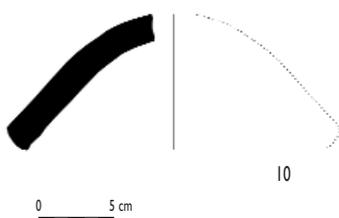
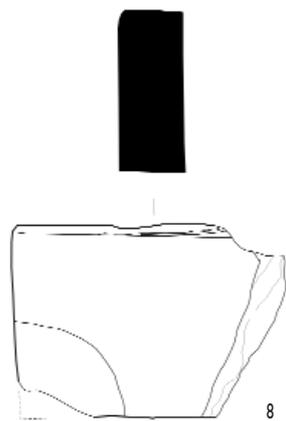
Matriz da intervenção do Castelo de Alverca (à esquerda), e cerâmicas romanas (em cima).

[UE7] – Camada areno-argilosa de tom castanho-escuro. Grão fino, medianamente compacta. Composta por pedras de pequeno calibre, telhas e fragmentos de tijolos. O espólio é muito escasso, sendo constituído por pequenos fragmentos de cerâmica comum. Preenche a [UE6].

[UE8] – Estrutura negativa de planta semicircular, aberta no substrato geológico [UE4]. Preenchida pela [UE9].

[UE9] – Camada areno-argilosa de tom castanho esverdeado. Grão fino, medianamente compacta. Composta por pedras de pequeno calibre, telhas e fragmentos de tijolos. O espólio é muito escasso, sendo constituído por pequenos fragmentos de cerâmica comum, um bordo de alguidar e um grande bojo de ânfora de proveniência do Vale do Guadalquivir. Preenche a [UE8].

[UE10] – Vala para implantação de esgoto, aberta no substrato geológico [UE4]. Preenchida pelo esgoto [UE11].



↑ Figuras 7 e 8 ↓

Material de construção e revestimento de Época Romana (em cima) e placa de mármore de revestimento, romana (em cima, à direita).

[UE11] – Unidade atribuída ao esgoto em grés ainda em funcionamento. Preenche a [UE10].

[UE12] – Estrutura negativa de planta rectangular, aberta no substrato geológico [UE4]. Preenchida pela [UE9]. Possível vala de roubo de muro.

[UE13] – Camada areno-argilosa de tom castanho. Grão fino, medianamente compacta. Composta por pedras de pequeno calibre, telhas, fragmentos de tijolos e uma placa de mármore de revestimento, de tom rosa. O espólio é muito escasso, sendo constituído por pequenos fragmentos de cerâmica comum, um bordo de dolium, um bordo e um fragmento de colo com arranque de asa de ânfora Lusitana. Preenche a [UE12].

4. Considerações finais

Apesar da execução do projecto de renovação do sistema de saneamento e águas ter decorrido sem o devido acompanhamento arqueológico, a presente intervenção logrou aferir novos resultados sobre as ocupações antigas de Alverca do Ribatejo.

O acompanhamento da abertura dos dois últimos troços do projecto permitiu comprovar a existência de estruturas negativas abertas nos níveis de base geológicos. Apesar de escasso, o estudo do espólio resultante da escavação das mesmas permite-nos sublinhar a presença de duas fases distintas.

Uma primeira, bem datada de Época Romana alto imperial (séculos I-II d.C.), consiste na provável presença de valas de roubo de muros aqui existentes. A que tipo de estruturas ou qual o enquadramento urbanístico em que se inseriam, é algo que de momento não podemos clarificar. No entanto, a presença de uma placa de mármore de revestimento e a reanálise dos materiais das escavações antigas na área do Castelo levam-nos a supor a eventual existência de edifícios de alguma relevância.

A segunda fase, ainda que escassamente representada, remonta-se à Época Islâmica. A escavação da estrutura negativa [UE6] revelou no seu enchimento [UE7], a par de algum material romano, um pequeno fragmento de bordo de panela com arranque de asa e restos de pintura a branco que nos permite enquadrar o abandono e preenchimento desta estrutura em Época Islâmica, possivelmente em meados dos séculos XI-XII. Apesar de diminuto, este fragmento permite confirmar a ocupação deste local numa fase anterior à reconquista, levando-nos a reequacionar a cronologia da fortificação medieval e a sua provável origem muçulmana.

Só a realização de novas intervenções arqueológicas bem planeadas e com um quadro de indagações prévias bem definido poderá trazer nova luz acerca das problemáticas agora abordadas.



Bibliografia

- BANHA, C. M. S. (1991-92) – “As ânforas da *Villa Romana de Povos*”. *Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira. 5: 50-90.
- BARKER, P. (1989) – *Techniques of Archaeological Excavation*. 2nd ed. Londres: Batsford Book.
- CARDOSO, G. e RODRIGUES, S. (1991) – “Alguns Tipos de Cerâmica dos Séculos XI a XVI Encontrados em Cascais”. In *Actas do IV Congresso Internacional de Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Mértola, pp. 575-585.
- CARDOSO, G. e RODRIGUES, S. (1999) – “Tipologia e Cronologia de Cerâmicas dos Séculos XVI, XVII e XIX Encontradas em Cascais”. *Arqueologia Medieval*. Porto. 6: 193-212.
- CATARINO, H. (2000) – “O Castelo de Povos (apontamentos sobre o período Islâmico em Vila Franca de Xira)”. In *Vila Franca de Xira, Tempos do Rio, Ecos da Terra*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 43-51.
- DIOGO, A. M. D. (1987) – “Quadro Tipológico das Ânforas de Fabrico Lusitano”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 5: 179-191.
- DIOGO, A. M. D. (1987-88) – “Notícias de Dois Vestígios Romanos do Concelho de Vila Franca de Xira”. *Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira. 3: 95-105.
- FABIÃO, C. (1996) – “Sobre a Tipologia das Ânforas da Lusitânia”. In FILIPE, G. e RAPOSO, J. (coords.). *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Publicações Dom Quixote / Câmara Municipal do Seixal, pp. 372-390 (Actas das Primeiras Jornadas sobre a Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado).
- FERREIRA, A. (2005) – *Edifício da Antiga Casa da Câmara de Alverca: uma arquitectura setecentista*. Lisboa: Universidade Aberta [Seminário de “História de Arte e Património”, policopiado].
- GAMBOA, N. (2004) – *Núcleo de Alverca. Museu Municipal*. Relatório da Intervenção Arqueológica no Núcleo Museológico de Alverca [policopiado].
- HARRIS, E. C. (1989) – *Principles of Archaeological Stratigraphy*. 2nd ed. London / San Diego: Academic Press.
- MANTAS, V. G. (2000) – “A Rede Viária Romana e Medieval da Região de Torres Vedras”. In *Turres Veteras I. Actas de História Medieval*. Torres Vedras, pp. 11-23.
- PACHECO, J. do C. (1998) – *Monografia de Alverca*. Alverca: Junta de Freguesia de Alverca.
- PARREIRA, Rui (1986) – “Inventário do Património Arqueológico e Construído do Concelho de Vila Franca de Xira. Notícia da parcela 404-1”. *Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira. 2: 73-82.
- PARREIRA, Rui (1987-88) – “Intervenção Arqueológica no Centro Histórico de Alverca do Ribatejo, 1986: relatório sucinto dos trabalhos realizados”. *Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira. 3: 95-105.